

Cátedra Olavo Setubal
de Arte, Cultura e Ciência

**AMOR NOS TEMPOS
DE CÓLERA**

PRISCILA MACHADO NUNES

AMOR NOS TEMPOS DE CÓLERA

QUANDO A ARTE NÃO PODE IMITAR A VIDA, MAS SIM OFERECER REFLEXÃO E SER TERRITÓRIO DE QUESTIONAMENTO, DE REALIZAÇÃO DA LIBERDADE E DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

PRISCILA MACHADO NUNES¹

¹ Jornalista graduada pela Faculdade Cásper Líbero e mestra em estudos internacionais pela Universidade de Barcelona. Pesquisa literatura e música no contexto das diversidades, é animadora cultural no Sesc/SP e é repórter há mais de dez anos.

² Criou a Tecla Produções Cinematográficas e trabalhou em diversas funções em diferentes filmes brasileiros. Em 1973 foi aos Estados Unidos e entrou em contato com o movimento gay organizado e com a mídia especializada nessa temática. Em 1978, militando no movimento gay, organizou o Somos: Grupo de Afirmação Homossexual e fundou o jornal temático *Lampião da Esquina*.

³ Foi diretor do Centro Cultural São Paulo (CCSP), integrou o júri do Prêmio Shell de 1989 a 2002 e dirigiu a Divisão de Difusão Cultural do CCSP de 2001 a 2002. Além disso, teve ampla atuação na Secretaria de Cultura do Estado São Paulo.

A história do Museu da Diversidade Sexual (MDS) é muito anterior à criação da própria instituição e teve início em meados de 1998, com um grupo que atuava na organização da Parada do Orgulho Gay de São Paulo (atualmente Parada do Orgulho LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros). Entre as pessoas que participaram desse primeiro momento de elaboração de um conceito que, anos mais tarde, viria a se tornar o MDS, destacam-se: Franco Reinaudo, atual diretor da instituição; João Silvério Trevisan², escritor, jornalista, dramaturgo, cineasta e ativista LGBT; Celso Curi³, jornalista, autor da primeira coluna gay do jornalismo brasileiro (Coluna do Meio, 1976); Fátima Tassinari, administradora de empresas, à época captadora de recursos da Parada Gay; e Sérgio Miguez (1962-2017), jornalista, sócio da Livraria Belas Artes e, mais tarde, fundador da Futuro Infinito, livraria especializada em sexualidade.

Desde o início, a intenção desse grupo era a criação de um espaço no qual a memória e a história da população de lésbicas, gays, bi, trans, queer/questionando, intersexo, assexuais/arromântiques/agênero, pan/poli e mais (LGBTQIAP+) pudessem ser preservadas. Preocupação válida, pois, quando uma pessoa dessa comunidade morre, não raro o preconceito leva a família a apagar seu acervo pessoal. Um segundo objetivo era gerar uma cultura de referência material e imaterial para a população LGBTQIAP+, incluindo personagens conhecidos e desconhecidos, além de momentos importantes de movimentos sociais e culturais que acolheram a causa contra a discriminação e o extermínio de membros da comunidade.

Mesmo fazendo parte dos planos de um grupo engajado, foi apenas em 2012 que o MDS se concretizou, sob a articulação de Franco Reinaudo, então à frente da Coordenadoria de Assuntos da Diversidade Sexual do Município de São Paulo. Antes de apresentar a ideia para a Secretaria de Cultura

do Estado de São Paulo, na gestão de Andrea Matarazzo, Franco havia pensado em outras estratégias, como a criação de um instituto usando apenas a plataforma on-line e uma parceria com a Universidade de São Paulo (USP), projeto que não foi adiante. “Toda essa discussão e esse desejo de avançar nessa questão me fizeram querer buscar um espaço para que a gente pudesse ter um museu; nessa busca, eu acabei topando com a Secretaria de Cultura do Estado e eles abraçaram essa ideia”, afirma Franco. Cássio Rodrigo, então assessor de Cultura para Gêneros e Etnias da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo fez a minuta que possibilitou a criação do museu por meio do Decreto nº 58.075, de 25 de maio de 2012, sendo inicialmente ligado à Assessoria de Cultura para Gêneros e Etnias.

Primeiro equipamento cultural da América Latina relacionado à temática, o MDS foi instalado na estação República do metrô de São Paulo, em um espaço no qual pudesse dialogar com toda a sociedade e, com suas paredes entrecortadas por vidro, ser uma espécie de vitrine da história política, econômica, social e cultural da comunidade LGBT, bem como um ponto de reflexão do preconceito de muitos que passam por ali diariamente. O vidro, que coloca a imagem refletida ao mesmo tempo dentro e fora do ambiente, é metáfora da contradição de uma sociedade na qual todos deveriam ser considerados inseridos, mas, para que ela consiga avançar, ainda é necessário que sejam reconhecidos o cerceamento de direitos e a invisibilidade de uma parcela de seus indivíduos. Conta Franco:

No primeiro projeto, era para o museu ser todo fechado, mas avaliamos que o objetivo não era falar só para nós mesmos, e sim dialogar com a sociedade como um todo. Então optamos por deixar as janelas abertas. O museu tem essa peculiaridade de ser um dos poucos que existem dentro de uma estação de metrô e ele é completamente aberto, gratuito, sem catraca, sem barreiras. Claro que a gente se preocupa, a gente avisa os artistas que aqui não tem segurança, mas nunca ninguém foi atacado.

Apesar de ninguém ter sofrido nenhum tipo de agressão dentro do MDS, o espaço externo do museu já recebeu chutes no vidro e pichações em mais de uma ocasião. O diretor do MDS considera fundamental a relação que se estabelece com todos que passam diante do local, que por vezes é tensa. A função do museu é falar do assunto e resistir, especialmente ante a escalada de intolerância observada atualmente.

A escolha do local onde o MDS foi instalado também faz referência a um momento emblemático para o movimento LGBTQIAP+, pois foi na Praça da República que, em 2000, houve o caso Edson Neris⁴, brutalmente assassinado e que se tornou o primeiro caso tratado como crime de ódio no país.

O diretor do MDS não pretende que o espaço seja passivo em relação às transformações – de avanço e retrocesso – da sociedade. Mais que um local para contemplar obras de arte, o museu-militante tem como premissa a promoção da cidadania plena e de uma cultura em direitos humanos. Para isso, desde o princípio, a equipe à frente do MDS buscou ter uma ação contundente no âmbito socioeducativo, tendo como um dos exemplos dessa atuação o Programa de Itinerância, que consiste na disponibilização de seu acervo expositivo para circulação, em parceria com municípios do interior e

4 O adestrador de cães Edson Neris da Silva foi assassinado por skinheads na Praça da República, centro de São Paulo, ao ser visto de mãos dadas com Dário Pereira Netto, que conseguiu fugir. Quatro pessoas testemunharam o espancamento. A polícia prendeu 18 acusados em um bar, minutos depois do crime.

do litoral paulista. O MDS também distribui materiais educativos por meio de um trabalho de capacitação chamado Sensibilizando para a Diversidade, além de fomentar o seu Núcleo de Ação Educativa ao estabelecer diálogos com os visitantes acerca das principais questões relacionadas à diversidade sexual. Explicou Franco:

Desde que entrei no museu, sempre achei que ele tinha de ser educativo, pois é só com educação que a gente desenvolve cidadania e respeito. Mas somos pequenos, a estrutura é limitada, e assim fomos tentando criar uma forma de agir nessa mediação, buscando desenvolver todas essas atividades. Apesar da nossa dificuldade, acho que hoje conseguimos fazer isso de forma interessante. Por exemplo, não conseguimos receber escola aqui porque o museu é pequeno, mas já temos várias parcerias com instituições profissionalizantes, com diferentes organizações, principalmente aquelas que têm um público mais vulnerável. E a gente procura estabelecer essas relações não de forma pasteurizada, mas sim relacionando as questões da diversidade com um trabalho pautado nas necessidades de cada grupo.

Em paralelo ao seu caráter mais formativo, o MDS promove exposições criadas por meio de um conselho curatorial pautado pela demanda da comunidade, e, nesse âmbito, tem optado por fazer mostras coletivas, reunindo obras de artistas com trabalhos relacionados a expressão, a identidade e a orientação sexual. Para isso, criou chamamentos públicos e, em sua edição mais recente, recebeu 70 projetos, incluindo obras de artistas de outros países. Outra estratégia curatorial definida pela equipe do MDS, com o objetivo de mostrar o que está sendo produzido por profissionais já conhecidos, é convidar artistas da comunidade LGBTQIAP+ ou que tenham forte conexão com o tema para desenvolver trabalhos específicos.

Entre as exposições já feitas pelo MDS, Franco destaca *Crisálidas*, composta de fotografias de Madalena Schwartz⁵, uma senhora judia, dona de lavanderia, que fotografava as pessoas em sua própria casa, no Edifício Copan, em São Paulo; um trabalho impactante e moderno. “Ela fez isso nos anos 1970, em plena ditadura. Figuras como Dzi Croquettes e Secos e Molhados resultaram em imagens poderosas”, disse. O diretor do MDS destaca ainda o trabalho das duas mostras *Diversa – Expressões de Gêneros, Identidades e Orientações*⁶ (2015 e 2017), que tiveram como objetivo apresentar novos artistas. “Essas exposições me impressionaram ao notabilizar o quanto essa nova geração tem um olhar sensível, delicado, mas ao mesmo tempo muito contundente em relação à sociedade, e isso dá esperança para que a gente atravesse este momento conservador”, afirma.

Ao apontar para o futuro, o museu avança em seu trabalho de preservação da memória LGBTQIAP+ a fim de consolidar seu Centro de Referência por meio da formação de uma reserva técnica com acervos e testemunhos para o projeto Memórias da Diversidade, que já conta com dez depoimentos de pessoas acima de 65 anos. A exposição *Tarja Preta*, que, não à toa, remete ao remédio e à censura, foi composta de imagens da fotógrafa Vânia Toledo, que retratou a São Paulo dos anos 1980 e apresentou a liberdade de uma pauliceia desvairada em contraponto ao atual momento ultraconservador.

⁵ A exposição *Crisálidas*, que ficou em cartaz de 30 de maio a 29 de setembro de 2013 – e recebeu 15.873 visitantes –, revelou uma série de fotografias de Madalena Schwartz (1921-1993), composta de retratos de transformistas, travestis e personagens do teatro *underground* paulista. Jorge Schwartz, filho da fotógrafa, foi o responsável pela curadoria da mostra, que reuniu 34 imagens clicadas ao longo dos anos 1970. As fotos representaram um período marcado pela transgressão, apesar do regime militar, em que temas ligados à diversidade e à liberdade sexual ganharam relevância e visibilidade.

⁶ A mostra, que acontece a cada dois anos, está em sua terceira edição e tem como objetivo abrir espaço para novos artistas, novas propostas e experiências relacionadas à diversidade sexual e traçar um panorama da produção artística sobre a temática.

Diante desse contexto no qual a arte vem sendo atacada por movimentos reacionários, Franco admite que no primeiro momento se assustou, mesmo já conhecendo bem essa realidade, e considera difícil avaliar o que está por vir, porque a onda reacionária ainda está em processo, mas que já se prepara para um ataque, pois o museu é um espaço emblemático da luta LGBTQIAP+. Sendo um lugar referência para o movimento de resistência à discriminação de uma parcela significativa da população, o MDS se constitui em espaço civilizatório e de proteção aos direitos humanos, um local de acolhimento e expressão do amor, sentimento clichê, mas tão necessário nestes tempos de cólera.

Referências Bibliográficas

<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,celso-curi-e-novo-diretor-do-centro-cultural-sao-paulo,20050616p5401>.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u46666.shtml>.

<http://www.mds.org.br/events/diversa/>.

<http://www.mds.org.br/events/2a-mostra-diversa/>.

<http://www.mds.org.br/events/crisalidas/>.

<https://ims.com.br/titular-colecao/madalena-schwartz/>.

Cátedra Olavo Setubal **de Arte, Cultura e Ciência**

Parceira



Realização

